

RETRATOS URBANOS NO BRASIL: A CRÔNICA COMO FONTE HISTÓRICA

Gervácio Batista Aranha*

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a crônica publicada nos jornais, lida por uma multidão de leitores, numa época em que a imprensa não tinha concorrência como veículo de comunicação de massa, constitui uma fonte cada vez mais recorrente por parte de historiadores preocupados com a emergência do urbano entre os séculos XIX e XX, em especial no que se refere ao modo como os atores sociais produziram, sentiram e representaram a vida cotidiana cidadina. Assim, é praticamente impossível focalizar o cotidiano de inúmeras cidades pelo Brasil afora, no período estudado, sem passar pelos cronistas locais. Daí a identificação de muitas delas com seus respectivos cronistas: o Rio de Assis, Bilac ou Lima Barreto, o Recife de Mario Sette, dentre outras.

De saída, uma advertência: a recorrência aos cronistas urbanos implica certo crédito para com a perspectiva da representação, aqui entendida como tentativa de tradução, no tempo presente, de experiências do outro no tempo. Trata-se, por assim dizer, de uma noção de representação que se pauta numa nova perspectiva mimética, haja vista tratar-se de uma mimesis que, a despeito de não perder de vista o referente da linguagem, não é incompatível com a ideia de criação¹. Até porque, dotado de cultura histórica peculiar ao seu próprio presente, ele se debruça sobre as fontes disponíveis com perguntas que não estavam na ordem dia nas gerações anteriores.

O texto focaliza a crônica como uma espécie de sonda por excelência para a compreensão da vida cotidiana, captada em seus ritmos e em suas ambiguidades, em que nada escapa aos olhos curiosos desse eterno flâneur, o qual percebe desde os populares que circulam nas ruas, becos ou avenidas, a exemplo de mendigos ou prostitutas, até as últimas transformações da paisagem urbana, dentre outros aspectos por ele observados -, para que, a

* O autor é doutor em história pela UNICAMP e professor da UFCG

¹ Para entender essa noção de uma mimesis que nada tem a ver com o sentido de cópia ou imitação, ver conceito de “representação-efeito” desenvolvido pelo crítico literário Luiz Costa Lima, conceito que sugere um repensar da mimesis (Cf. LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: um desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro, 2000, pp. 24-25). Ver também conceito de “mimesis-criação”, o qual, desenvolvido pelo crítico literário francês Antoine Compagnon, remete a uma “mimesis reabilitada” (Cf. COMPAGNON, Antoine. *O demônio da crítica: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, pp. 126-131). Assim, ambos contribuem para romper com certas posturas extremas e radicais, seja do tipo que aponta para uma mimesis absoluta ou do tipo que descarta qualquer mimesis.

partir dessa matéria-prima, possa transformar, por meio de recursos literários, fatos brutos do cotidiano em temas de leitura agradável.

O fato é que a crônica, é um gênero literário que, a despeito de ter sido considerado, durante muito tempo, como um gênero menor, tem merecido hoje a devida atenção por parte da crítica. Como afirma Antônio Cândido, não há que esperar uma “literatura feita de grandes cronistas”, assim como tampouco se “pensaria em atribuir um prêmio nobel a um cronista”. Entretanto, o crítico reconhece que, na crônica, “tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos (...)”. E tudo porque “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (...)”, não necessitando, para tal, de nenhum “cenário excelso”, já que a perspectiva do cronista “não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão”.²

Nos termos de Cândido, mesmo sendo um gênero sem grandes adjetivações, livre de vãos grandiloquentes, a crônica “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. Assim, é de opinião que a crônica pode dizer coisas sérias sobre inúmeros aspectos da vida. Por exemplo, na apresentação de uma simples conversa fiada. Não é à toa que o crítico, no exato momento em que fala que a crônica parece mesmo um “gênero menor”, sai-se com essa: “‘Graças a Deus’ – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós”.³

Entretanto, parece que alguns não compreenderam a mensagem de Cândido. É o caso dos organizadores de *História em cousas miúdas*, uma coletânea de textos produzidos, em sua maioria, por historiadores sociais da cultura da UNICAMP.⁴ Não compreenderam, por exemplo, que o crítico, ao se referir à crônica como um “gênero menor”, não é para desqualificá-la literariamente e sim para valorizá-la. Inúmeros trechos no texto de Cândido indicam essa valorização. Sendo “amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais simples e também nas suas formas mais fantásticas”, ainda que tenha nascido despreziosa e sem a pretensão de durar, a crônica, em íntimo convívio com a palavra, cada vez mais leve, cada vez mais poética, já não condiz com o viés argumentativo da crítica política dos primeiros tempos no Brasil, quando de seu surgimento com a série “Ao correr da pena”, de José de Alencar

² Cf. CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In CÂNDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 14 e 20.

³ Cf. idem, pp. 13-14 e 20.

⁴ CHALHOUB, Sidey, Neves, Margarida de Souza e Pereira, Leornado Affonso de Miranda (orgs.). “Apresentação”. In *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005, p. 10.

(anos 1850), haja vista que aos poucos foi assumindo a sua fórmula moderna, onde três ingredientes se revelam indispensáveis: fatos miúdos, toques de humor e seu quantum de poesia.⁵

Porém, mesmo que, em razões do exposto, os autores mencionados não tenham lido Cândido corretamente, parecem estar cobertos de razão ao chamarem a atenção, independente do crítico que lhes serviu de ponto de partida, para o fato de que o gênero literário em questão levou um tempo para merecer a devida atenção e reconhecimento hoje na ordem do dia. A caracterização feita pelos autores sobre a origem da crônica, isto no Brasil, os temas por elas enfocados e a maneira como era construída sua composição narrativa, é indicativa do pouco caso para com o gênero nos primeiros tempos. Primeiro, as crônicas teriam surgido ao acaso ou da espontaneidade de uma conversa, sendo a leveza uma de suas primeiras características; segundo, elas tomavam os pequenos acontecimentos como sua matéria-prima privilegiada, os quais, estreitamente vinculados aos assuntos diários, davam ao gênero que nascia um caráter efêmero, sem maiores pretensões em termos de perenidade. Surgidas com tais características, isto teria levado Machado a afirmar, anos depois, que as crônicas focalizam especialmente coisas que não contêm sangue ou lágrimas, conquanto doces e leves. Ora, de acordo com os autores parafraseados, foram definições como essa que teriam levado a crônica a transformar-se numa “espécie de filha bastarda da arte literária”.⁶

Porém, como esclarecem os autores em questão, a crônica não é tão simples como supunham as definições que insistiam que o improvisado e/ou a pressa eram sua razão de ser. Já Alencar teria chamado a atenção para sua complexidade, alertando para certas pretensões escondidas por trás do tom supostamente desprezioso de sua composição narrativa. Algo parecido com o que ele percebera nas “Cartas de Horário”, as quais lançavam mão de reflexões filosóficas ou morais para o tratamento dos mais variados assuntos. Também Machado de Assis, que indo muito além daquela frase inicial, segundo a qual sangue e lágrimas não eram assuntos para cronistas, teria expressado, a respeito, um ponto de vista bem mais complexo, conquanto “caberia ao cronista interagir com as coisas do seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia”.⁷

O fato é que, na esteira de Alencar e Machado, foram muitos os cronistas urbanos que contribuíram para a consolidação do gênero no Brasil, consolidação possibilitada por toda uma parte da crítica que, atribuindo-lhe méritos literários, mas sem deixar de reconhecer seu

⁵ Cf. CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. Op. Cit., pp. 14-15.

⁶ CHALHOUB, Sidney, Neves, Margarida de Souza e, Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). “Apresentação”. Op. Cit., p. 09.

⁷ Idem, pp. 11-12.

vínculo profundo e compromisso com as coisas de seu próprio tempo, contribuiu para que hoje não parem dúvidas sobre a importância que ocupa no corpus da literatura brasileira entre os séculos XIX e XX.

Em se tratando do diálogo da história com a literatura, no tocante aos usos da crônica como documento histórico, creio que certa sugestão feita por Olavo Bilac, em 1897, encaixasse como uma luva para os historiadores interessados em explorar vidas passadas valendo-se da produção cronística. Conforme explica Billac, as crônicas, mesmo não derrubando instituições ou não fazendo prevalecer a justiça; mesmo não contribuindo para a regeneração ou depravação dos homens; mesmo sendo lidas e esquecidas logo depois, prestando-se tão-somente para preencher cinco minutos da vida monótona de todos os dias, ainda assim cultivam a esperança de que sua leitura contemple algo mais que um rápido entretenimento.⁸ Daí a interrogação do cronista: “Mas, quem sabe? Talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa...”⁹ Ora, não é preciso muita perspicácia para perceber que Olavo Bilac, ao contrário do que deixa transparecer, espera muito da crônica, conquanto estava convicto de que tinha muito a oferecer para além daqueles supostos cinco minutos de entretenimento, ainda que o devido valor da crônica só se revelasse no futuro. O que dizer? Apenas que os historiadores de hoje agradecem o legado.

Nesse sentido, a crônica, ao registrar instantâneos da vida cotidiana, não se constitui enquanto texto meramente descritivo sobre um acontecimento dado ou enquanto espelho fiel do real vivido. Ora, se a crônica se oferecesse como mera descrição de acontecimentos do cotidiano é provável que o cronista não despertasse a atenção de muitos de seus contemporâneos; é provável que sequer que esse gênero literário tivesse se instituído com tanta força no século XIX. Assim, tudo leva a crer que a crônica não seria grande coisa se fosse desprovida de seu aspecto literário ou poético. Todavia, mesmo que tivesse se mantido como um gênero puramente descritivo, ainda assim poderia ser bastante útil aos historiadores no futuro, muitos dos quais, ao tomarem textos literários como documentos, se preocupam menos com questões de estética e/ou de composição poética e mais com possíveis imagens capazes de iluminar de alguma forma o passado estudado.

Detendo-se basicamente na crônica carioca de fins do século XIX, com destaque Machado de Assis cronista, acompanhemos o que nos diz certa autora. Em certo trecho, falando de um passeio do cronista Machado por “bairros excêntricos”, que teria ido ali “matar

⁸ Cf. Apud. Idem, p. 18.

⁹ Apud. Idem.

o tempo”, essa autora mostra que o cronista volta desse passeio “com uma coleção de modelos para exibir na vitrine que é a sua coluna de jornal”. Todavia, as imagens que ele colhe do cotidiano em um simples passeio matinal, para exibi-las em sua crônica semanal, não retornam ao cotidiano sem qualquer mediação de sua parte. Ao contrário, pois já no caminho de volta o cronista vai “ruminando” cada uma dessas imagens, as quais “retornam e reduplicam na metalinguagem que vai decompondo-as, e distribuindo-as em sistemas significativos”.¹⁰

E foram muitas as crônicas elaboradas por Machado de Assis focalizando o Rio de Janeiro do seu tempo. Afinal, foram mais de quatro décadas de incursões no cotidiano da cidade por meio do gênero literário que então nascia. Do final dos anos 1850 ao início do século XX, muitos leitores puderam acompanhar, em vários jornais cariocas, as crônicas desse arguto observador da vida local, nas quais, sem jamais abandonar “esse magnífico amálgama de ceticismo e humor que lhe é característico”, deixou impressa sua visão do tempo então vivido.¹¹

Olavo Bilac, que em 1897 substituiu Machado de Assis no jornal carioca *Gazeta de Notícias* foi outro cronista urbano em sintonia com o que ocorria à sua volta, na passagem para o século XX. Sensível às mudanças que então ocorriam na Capital Federal revelou-se, por meio das crônicas, tanto um arguto observador quanto um entusiasta dessas mudanças, a exemplo do tom grandiloquente, apologético, com que saúda o projeto de construção da Avenida Central, um dos emblemas do propalado progresso que estaria a marcar a paisagem do Rio de Janeiro à época.¹² Mas não só a Avenida Central. O mesmo tom grandiloquente é visível ao focalizar a instituição de certas práticas de higiene ou a emergência do cinematógrafo, dentre outros temas da chamada *belle époque* carioca.

Porém, as crônicas de Bilac não se prestam apenas para expressar todo um otimismo diante das transformações rumo a um Rio de Janeiro moderno. Ainda que não seja possível extrair, de sua vasta produção cronística, um modelo dado de combatividade, ele teve o seu quê de crítica às instituições e aos poderosos. De modo que essa produção, tomada em conjunto, não permite um olhar unívoco, parecendo bem mais conseqüente “a constatação de uma linha sinuosa que ora aponta para soluções reacionárias, identificadas com o sistema

¹⁰ Cf. CARDOSO, Marília Rothier. “Moda da crônica: frívola e cruel”. In Cândido, Antônio et al. Op. Cit., p. 140.

¹¹ NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In Cândido, Antônio et al.. Op. Cit., p. 81.

¹² Cf. Idem, p. 86.

vigente, ora para sua contestação”.¹³ Seja como for, a arma por excelência do cronista Bilac, se podemos assim falar, é menos o “tratamento bilioso” dos assuntos em pauta e mais o recurso à ironia. Sem dúvida, um traço marcante do texto bilaquiano.¹⁴ Ora, melhor para o leitor.

É importante considerar, todavia, que esses estilos literários pouco importam aos historiadores que recorrem aos cronistas urbanos como fonte para o estudo de aspectos diversos da vida na cidade. Ocorre que para os historiadores de problemáticas urbanas, em especial aqueles que exploram as chamadas sensibilidades modernas, ao tomarem a crônica como documento de época, pouco importa se a fonte em questão encerra um componente reacionário ou de denúncia social; importa, isto sim, que forneça os filtros que permitam ao profissional da história compor um quadro daquelas sensibilidades.

Já Paulo Barreto (mais conhecido como João do Rio), cronista carioca nas duas primeiras décadas do século XX, percebia a cidade com olhares que enxergavam mais longe que Bilac, embora marcados por certa contradição: de um lado, não perdia de vista aspectos de uma cidade com pretensões à vida civilizada, a exemplo da crônica “A era do automóvel”, na qual demonstra seu impacto na cidade do Rio de Janeiro, sendo sintomático o fato de que é justamente essa crônica que encabeça a coletânea publicada em 1911, não por acaso, com o título de *Vida vertiginosa*;¹⁵ de outro, torcia o nariz a esse mesmo progresso, como se depreende da leitura de certo trecho da crônica “O velho mercado”,¹⁶ em que o cronista lamenta claramente que o surgimento do novo Rio de Janeiro, que se espelha em Paris, se despoje do Rio antigo com tamanha indiferença.

Trata-se, de demonstrar que Paulo Barreto, em que pese toda a ênfase com que declarava amar a rua, conquanto portadora, segundo ele, de uma “alma encantadora”, declarava também que “Rua é cobra. Tem veneno”, significando, com isto, que ao mesmo que ela atrai, expulsa.¹⁷ Ocorre que nada escapava ao olhar atento do cronista, retratando aspectos da vida carioca que depunham contra os que só tinham olhos para sua capacidade de modernizar-se. Assim, o cronista também retrata os populares, que invadindo ruas e becos, são igualmente produtores do modo de ser urbano.

¹³ DIMAS, Antonio. “Introdução”. In Bilac, Olavo. *Vossa insolência: crônicas*. Organização de Antonio Dimas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 15.

¹⁴ Idem, p.

¹⁵ Cf. Idem, pp. 87-88.

¹⁶ Apud. Idem, p. 88.

¹⁷ Cf. ANTELO, Raul. “Introdução”. In Rio, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 15.

Em se tratando de Lima Barreto, em cuja literatura em geral e na crônica em particular, o personagem principal é a cidade do Rio de Janeiro, o tom não tem nada de ameno como vemos na crônica de Olavo Bilac. Uma intérprete de sua obra cronística, referindo-se a toda uma produção publicada em pequenos periódicos, à margem dos grandes órgãos de imprensa à época, afirma: “É sobretudo a liberdade de exercer a crítica dos poderosos, de comentar os desmandos que fazem sofrer sua amada cidade que buscará por toda a vida”.¹⁸ A título de exemplo, a forma dura com que criticou as reformas urbanas no Rio de Janeiro no começo do século. Ao contrário de Bilac, que via com bons olhos esses novos ventos transformistas, Barreto trata a questão com indignação, a exemplo de sua reação à demolição do Morro do Castelo, no começo dos anos 1920, com prejuízo para a gente pobre que foi removida do local.¹⁹

Por onde quer Barreto circulasse, nos subúrbios ou no centro elegante da cidade, encontrava farto material para suas crônicas. Nos subúrbios, por exemplo, seus “moradores terão em Lima Barreto o primeiro de nossos escritores a incluí-los na literatura”. O centro elegante, por sua vez, tem em Barreto um observador arguto: “Arte e cultura, a moda, os ícones da modernidade que vai se implantando: telefone, cinemas, arranha-céus, tudo merece sua atenção”.²⁰

Temos, na crônica, todo um acervo de imagens recortadas do cotidiano e que são significadas ao correr da pena. Mas essa significação, que fique bem claro, não implica em um corte com o referente da linguagem; não implica que a crônica se ofereça como uma metalinguagem separada do mundo que a gerou. É que ela se constitui enquanto um texto que traduz a inserção de seu autor no mundo em que viveu, tendo absorvido, tanto quanto seus contemporâneos, os valores e a cultura da época, tendo ainda participado de suas angústias, seus dramas, suas esperanças. Assim, a crônica, como qualquer outro gênero literário, pressupõe um processo de elaboração que, mesmo marcado pela ideia de criação literária, onde se sobressai o olhar do criador, se dá enquanto representação do mundo social e histórico em que o mesmo está inserido. Ora, o fato de cenas da vida cotidiana, mediadas pela crônica, retornarem ao seu lugar de origem - retorno tornado possível no vasto espaço que este último detinha na imprensa -, faz com que possamos considerá-lo um dos produtores da cidade que tem muito a dizer ao pesquisador futuro.

¹⁸ Cf. RESENDE, Beatriz. “Lima Barreto, cronistas da cidade”. In *Lima Barreto: melhores crônicas*. Seleção e prefácio de Beatriz Resende. São Paulo: Global, 2005, p. 8 (Coleção Melhores Crônicas).

¹⁹ Cf. Idem, p. 11.

²⁰ Cf. Idem, p. 10.

Até porque, no exato momento de sua publicação, havia um público pronto para consumi-la, que não passava sem sua crônica da semana. Basta considerar que a repercussão da crônica na vida cotidiana, em fins do século XIX, condição extensiva às primeiras décadas do século XX, pode ser traduzida e sintetizada na metáfora: “Uma crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. Crônica vem Cronos, Deus devorador. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel no chão descartado. A crônica-bala (...) traz prazer, talvez perigoso. Ao desembulhá-la - Pum! -, um estalo. Cronos é implacável. Até a gula acaba devorada”.²¹

Depreende-se, do exposto, que são inúmeros os indícios, pelo Brasil afora, para a afirmação da crônica como um gênero literário eminentemente urbano, em especial na cidade do Rio de Janeiro, onde o gênero brotou em primeira mão. Beatriz Resende esclarece: “Que a crônica é modalidade de literatura urbana, não resta dúvida, mas no caso brasileiro há esta particularidade: é no Rio de Janeiro que o gênero nasceu, cresceu, se fixou”.²² É isto mesmo. Todavia, a autora talvez devesse esclarecer que todas as cidades brasileiras que tiveram órgãos de imprensa publicados com certa regularidade, em especial na época em que ainda não se contava com as ondas do rádio, tiveram o seu cronista e/ou seus cronistas. São Paulo, Recife e Maceió tiveram os seus cronistas urbanos, informação extensiva a muitas outras cidades brasileiras. Portanto, essas reflexões em torno da crônica e de sua importância para os que estudam cidades, em seu vínculo com o moderno, são extensivas a toda experiência urbana que tenha tido seu cronista ou os seus cronistas em determinado período de tempo.

²¹ Cf. CARDOSO, Marília Rothier. “Moda da crônica: frívola e cruel”. In Cândido, Antônio et. al., p. 142.

²² Citado em DANNER, Mário Fernandes Passos. “Graciliano Ramos e a crônica: uma vida em três séries”. In CHALHOUB, Sidney, Neves Margarida de Sousa e Pereira, Affonso Leonardo de Miranda (orgs.). Op. Cit., 265.